

# Movimentos juvenis, ativismo digital e novas morfologias associativas

: a atuação da União da Juventude Socialista (UJS) no período pós-2013

*Fábio Palácio de Azevedo*

Professor adjunto do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

*Maria Júlia Ferreira Sousa*

Mestranda em Comunicação Social na Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

## Resumo

Este artigo expõe os resultados de pesquisa que, por meio de análise documental, questionários, entrevistas e monitoramento de redes, buscou entender o modo como a União da Juventude Socialista (UJS) se adaptou ao ativismo digital, especialmente no cenário pós-2013, marcado por intensa polarização política. Organização juvenil das mais antigas do país, a UJS cresceu e enraizou-se utilizando meios analógicos e esquemas orgânicos presenciais para aglutinar e organizar a juventude. A análise de sua trajetória nos últimos anos revela que a adoção dos novos métodos de mobilização pela internet não substituiu a experiência acumulada anteriormente. Construíram-se repertórios híbridos que, ao combinar métodos on-line e off-line, resultaram em certa ubiquidade - uma presença constante “nas redes e nas ruas”. Ao descrever a forma como a UJS se adaptou às ambiências virtuais, elencando potencialidades e desafios, este estudo de caso lança luz sobre os impactos do ciberativismo, especialmente entre os movimentos juvenis, para a reconfiguração das lutas sociais na contemporaneidade.

**Palavras-chave** Ciberativismo – Movimentos sociais – União da Juventude Socialista

## Submissão

06/06/2024

## Aprovação

26/01/2025

## Publicação

08/03/2025

## **Youth movements, digital activism and new associative morphologies: the role of the União da Juventude Socialista (UJS) in the post-2013 period**

### **Abstract**

This article aims to present the results of research that, through document analysis, questionnaires, interviews and network monitoring, sought to understand how the União da Juventude Socialista (UJS-Brazil) adapted to digital activism especially in the post-2013 period, characterized by intense political polarization. One of the oldest youth organizations in the country, UJS grew and took roots using analog means and organic face-to-face strategies to bring together and organize youth. The analysis of its history in recent years reveals that the adoption of new methods of mobilization via the internet did not replace the previously accumulated experience. Hybrid repertoires were developed by combining online and offline methods, resulting in some ubiquity - a constant presence "on the networks and in the streets". By describing how UJS adapted to virtual environments, listing potentialities and challenges, this case study sheds light on the impacts of cyberactivism, especially among youth movements, on the reconfiguration of social struggles in contemporary times.

**Keywords** Ciberactivism – Social Movements – União da Juventude Socialista (UJS-Brazil)

## **Movimientos juveniles, activismo digital y nuevas morfologías asociativas: el papel de la União da Juventude Socialista (UJS) en el período posterior a 2013**

### **Resumen**

Este artículo presenta los resultados de una investigación que, a través de análisis de documentos, aplicación de cuestionarios, entrevistas y monitoreo de redes, buscó comprender cómo la União da Juventude Socialista (UJS de Brasil) se adaptó al activismo digital especialmente en el período posterior a 2013, marcado por una intensa polarización política. La UJS, una de las organizaciones juveniles más antiguas de Brasil, creció y se arraigó utilizando medios analógicos y estrategias orgánicas presenciales para reunir y organizar a los jóvenes. El análisis de su trayectoria en los últimos años revela que la adopción de nuevos métodos de movilización a través de Internet no reemplazó la experiencia acumulada anteriormente. Se desarrollaron repertorios híbridos que, al combinar métodos online y offline, dieron como resultado una cierta ubicuidad - una presencia constante "en las redes y en las calles". Al describir la forma en que la UJS se adaptó a entornos virtuales, enumerando potencialidades y desafíos, este estudio de caso arroja luz sobre los impactos del ciberactivismo, especialmente entre los movimientos juveniles, para la reconfiguración de las luchas sociales en los tiempos contemporáneos.

**Palabras clave** Ciberactivismo – Movimientos sociales – União da Juventude Socialista

## Introdução

Entre as mudanças deflagradas com a era digital, algumas das mais visíveis podem ser constatadas no campo da participação social e política.<sup>1</sup> Ambientes e formas de participação, e mesmo o significado do termo, conheceram alterações de profundidade. O uso de redes interativas como meio catalisador de mobilizações cívico-políticas transformou as novas tecnologias em ingredientes destacados na produção de campanhas e demais ações dos movimentos sociais.

Podemos definir os movimentos sociais como uma forma específica de participação e ação coletiva construída por atores oriundos de diferentes classes e segmentos que, interessados no avanço de causas políticas, econômicas ou culturais, articulam ações de conscientização, campanhas e lutas a partir de oportunidades oferecidas pelo cenário mais amplo, criando um campo de força política que se projeta para além do Estado, situando-se no seio da sociedade civil.<sup>2</sup>

Nas palavras de García-Galera, Del-Hoyo-Hurtado e Fernández-Muñoz, “movimentos sociais, com a participação mais ou menos ativa de muitos indivíduos, existiram sempre, mas as tecnologias digitais, e a dimensão que com elas alcança o conceito de interação, dão a seus usuários maior poder em relação com tais movimentos”.<sup>3</sup> Essa afirmação nos remete ao fenômeno do ativismo digital, ou ciberativismo,<sup>4</sup> que se configura na utilização de sistemas de redes e tecnologias digitais interativas para potencializar a construção de ações dos movimentos sociais e de demais atores do universo associativo.<sup>5</sup>

1 Cf. CASTELLS, M. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013; RECUERO, R. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

2 Este parágrafo sintetiza definições propostas por Maria da Glória Gohn. Cf. GOHN, M.-G. *Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. 8. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010; GOHN, M.-G. “Movimentos sociais: conceito, análises e desenvolvimento na história contemporânea”. PAIVA, A. R.; LIMA NETO, F.; SANCHES, T. (Org.). *Movimentos e coletivos sociais: categorias em disputa*. Rio de Janeiro: Numa Editora, 2023. p. 17-40.

3 GARCÍA-GALERA, M.-C.; DEL-HOYO-HURTADO, M.; FERNÁNDEZ-MUÑOZ, C. “Jóvenes comprometidos en la red: el papel de las redes sociales en la participación social activa”. *Comunicar*, Huelva, v. 22, n. 43, p. 37, 2014 (tradução nossa).

4 QUEIROZ, E.-F. C. “Ciberativismo: a nova ferramenta dos movimentos sociais”. *Panorama - Revista de Comunicação Social*, Goiânia, Brasil, v. 7, n. 1, p. 2-5, 2017. Disponível em: <<https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/panorama/article/view/5574>>. Acesso em: 25 out. 2024.

5 Conforme fica subentendido, o campo do associativismo civil vai além dos movimentos sociais, envolvendo um leque mais amplo de grupos organizados voluntariamente, de base não econômica e não estatal: igrejas, partidos, coletivos culturais, ligas esportivas, fóruns de discussão, círculos literários, associações profissionais, assembleias de moradia, entidades de ajuda e outras coagulações de um espaço público e social, as quais têm como matéria-prima fluxos comunicativos voltados às questões comuns e ao bem público. Cf. HABERMAS, J. *Mudança estrutural da esfera pública: investigações sobre uma categoria da sociedade burguesa*. São Paulo: Editora Unesp, 2014. p. 82; MATOS, H. “Opinião pública e conversação cívica”. MARQUES, Â. et al (Org.). *Esfera pública, redes e jornalismo*. Rio de Janeiro: E-papers, 2009. p. 107-122. Cabe notar, ainda, que muitas

Em função de suas características topológicas, as redes proporcionam extensa conectividade. Permitem vasto compartilhamento de conteúdo, facilitando a expressão de opiniões e posicionamentos, multiplicando interações e impulsionando a participação e o engajamento associativo. Esses elementos encorajaram a participação de atores individuais e coletivos, que veem amplificada sua capacidade de intervenção nas esferas públicas.

Ao proporcionar espaços de discussão mais atrativos e envolventes, as plataformas digitais garantiram maior abertura e abrangência ao debate público. Também possibilitaram a redução de custos de reprodução, promovendo uma radical descentralização e difusão de conteúdo, e elevando a produtividade de ações de mobilização. Os novos ambientes em rede subverteram, dessa forma, esquemas convencionais de organização.

As redes sociodigitais acabaram por se constituir como profícuas ferramentas para a participação social e o ativismo político, agora estendidos ao plano global. Essa realidade, que já se insinuava mundialmente desde a virada do século - época dos chamados “movimentos antiglobalização” -, atinge outro nível entre os anos de 2011 e 2013, com os eventos que compõem a chamada “segunda onda de mobilizações globais”.<sup>6</sup> Essa vaga de protestos inclui a rebelião egípcia da Praça Tahrir, o movimento dos Indignados (15-M) na Espanha, os acampamentos e manifestações da grife Occupy e a tomada da praça Taksim, na Turquia, entre outros episódios reveladores do impacto das redes na construção de ações e campanhas. A “segunda onda” alcança o Brasil em 2013, com as manifestações deflagradas em junho daquele ano. A partir dali, surge claramente alterada a morfologia dos movimentos associativos em nosso país.

Essa realidade impactou organizações cujo modo de funcionamento se baseava em esquemas orgânicos presenciais. Entidades dos mais diversos matizes - partidos, sindicatos, organizações estudantis e juvenis, entre outras acostumadas a protagonizar mobilizações e protestos - foram surpreendidas com a novidade plasmada nas manifestações de 2013. Foi este, aliás, um dos aspectos que ajudaram a configurar o caráter singular e enigmático daquele movimento, que trouxe a público inéditas formas de convocação, mobilização e participação.

Foi assim que, no contexto pós-2013, a União da Juventude Socialista (UJS) viu-se obrigada a avançar no reposicionamento de seus modos de atuação. Isso não levou ao

dessas associações em sentido mais amplo funcionam como estruturas de mobilização a apoiar movimentos sociais, possuindo com eles, muitas vezes, uma fronteira borrada e porosa. Cf. GOHN, M.-G. *Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. 8. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

6 PALÁCIO, F. *Sob o céu de Junho: as manifestações de 2013 à luz do materialismo cultural*. São Paulo: Autonomia Literária, 2023.

abandono dos antigos repertórios<sup>7</sup> e métodos organizativos, senão a reorientações e adaptações. As novas plataformas de debate e mobilização podiam complementar métodos de organização antigos, porém não necessariamente ultrapassados.

Nosso objetivo foi testar essa hipótese a partir de um exame da forma como se comportou, mormente no pós-2013, um dos mais atuantes movimentos de juventude da esquerda brasileira. Entidade construída com base em modelos centralizados e hierarquizados oriundos dos partidos políticos, a UJS conseguiu reinventar-se para se tornar uma das principais referências em termos de ciberativismo no Brasil. Buscamos compreender as características e funcionalidades do ativismo em redes digitais promovido pela organização, contrastando-as com práticas anteriores ao advento das redes, a fim de definir que relação se estabelece entre antigos e novos métodos. Para isso, analisamos as mudanças vivenciadas pela UJS em suas formas de comunicação com a juventude brasileira.

Dada a escassez de pesquisas sobre a atuação da maior juventude política organizada do Brasil, cabe destacar a importância e o ineditismo deste estudo, que se origina de uma pesquisa de iniciação científica. A hipótese adotada permitiu compreender como a UJS se adaptou às novas configurações de tecnologias no que tange à organização de manifestações e à difusão de opinião.

## Metodologia

A pesquisa partiu de consultas bibliográficas a autores e obras que discorrem sobre comunicação, movimentos sociais e ativismo digital. Além disso, examinamos documentos como o estatuto e o manifesto da União da Juventude Socialista, a fim de obter um melhor conhecimento sobre essa organização política. Também realizamos a análise das mídias sociais do movimento: documentamos a data de criação de contas nas redes e, em dois momentos distintos - 2020 e 2024 -, a quantidade e o teor dos conteúdos postados, as interações e o número de seguidores.

A disponibilidade de militantes e ex-militantes do movimento em contribuir com a pesquisa também foi essencial para o alcance dos resultados. A principal fonte foi um questionário on-line, elaborado via *Google Forms*, respondido por 139 militantes da UJS durante o 20º Congresso Nacional da entidade e instalado de modo on-line ao longo de

7 Utilizamos o conceito de “repertório” no sentido mais tradicional e estrito, como um conjunto de formas práticas de atuação. Cf. ALONSO, A. “Repertório, segundo Charles Tilly: história de um conceito”. *Sociologia e Antropologia*, v. 2, n. 3, jun. 2012, p. 21-41, 2012. Disponível em: [https://biblio.fflch.usp.br/Alonso\\_A\\_3078989\\_RepertorioSegundoCharlesTilly.pdf](https://biblio.fflch.usp.br/Alonso_A_3078989_RepertorioSegundoCharlesTilly.pdf). Acesso em: 21 out. 2024.

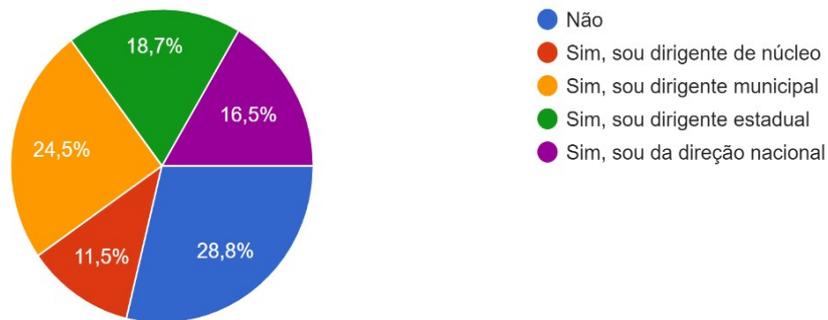
seis finais de semana sucessivos, compreendidos entre os dias 20 de junho e 25 de julho de 2020. O primeiro questionário foi respondido no dia 26 de junho e o último foi recebido após o término do Congresso, no dia 25 de setembro de 2020. Em algumas das perguntas do questionário foi aberto um espaço para que o militante acrescentasse respostas que não constavam no rol de opções elaborado pelos pesquisadores.<sup>8</sup>

Entre os respondentes do questionário havia diretores nacionais, estaduais, municipais, dirigentes de núcleo e militantes de base. A maioria (37%) das pessoas às quais tivemos acesso afirma ter entrado para a militância após 2018, ou seja, no período de maior polarização política da história recente do país. Essas informações podem ser conferidas nos gráficos 1 e 2:

**Gráfico 1** Responsabilidades na organização

Você exerce responsabilidades de direção na UJS?

139 respostas



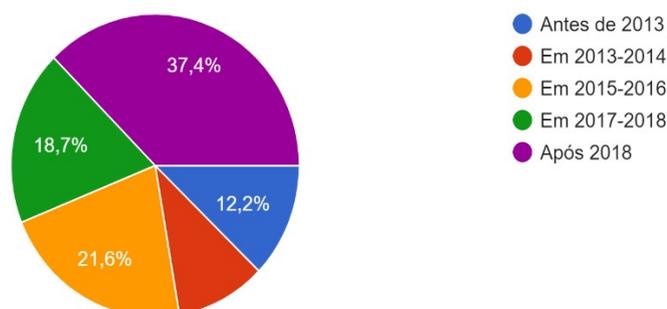
**Fonte** Elaboração própria a partir do *Google Forms*

8 Motivo pelo qual alguns gráficos apresentados neste artigo aparecem bastante fracionados.

**Gráfico 2** Tempo de militância

Quando você começou a fazer parte da UJS?

139 respostas



**Fonte** Elaboração própria a partir do *Google Forms*

Além da aplicação do questionário, foram realizadas entrevistas com atuais e ex-dirigentes, todas elas respondidas através de áudios no WhatsApp. As entrevistas permitiram que os dados quantitativos obtidos por meio do questionário fossem complementados com informações qualitativas. Ao todo, foram realizadas três entrevistas. A primeira delas, respondida em 27 de setembro de 2020, foi com a diretora da equipe de comunicação nacional da UJS, a jornalista Daniela Rebello, que falou, principalmente, dos desafios implicados na adoção das novas tecnologias de comunicação no que respeita à convocação para congressos e protestos.

Para entender as diferenças entre a militância antes e após o ano de 2013, entrevistamos Ricardo Abreu de Melo, o “Alemão”, ex-dirigente da UJS que acompanha a entidade desde a sua fundação e chegou a presidi-la entre os anos de 1997-98. Hoje acadêmico e dirigente partidário, falou sobre a fundação da UJS, que vivenciou a partir do grêmio estudantil do Colégio Palmares, em Osasco (SP), na esteira do movimento pelas “Diretas Já!” (1984). A entrevista foi realizada em 14 de outubro de 2020.

Durante o período em que monitoramos as mídias sociais da UJS nacional, foi possível conhecer histórias de militantes e unidades locais dessa organização política por meio dos comentários em postagens. Assim chegamos à nossa terceira entrevistada: a estudante Larissa Pereira. Ela presidia a UJS-Joinville, núcleo regional criado de forma 100% remota durante o período de isolamento social causado pela pandemia de coronavírus. Em áudios recebidos no dia 5 de outubro de 2020, Pereira narra detalhes

sobre esse processo de construção remota, contribuindo para um entendimento mais vivaz sobre as possibilidades das novas tecnologias para as organizações juvenis.

### Sobre a UJS

Fundada em 1984, a UJS é uma organização de luta pelos direitos juvenis, pela democracia, pela soberania nacional, pela solidariedade internacional e pelo socialismo.<sup>9</sup> Desde que surgiu, mobiliza milhares de jovens contra o capitalismo e em torno da ideia de um socialismo com a “cara” da juventude e do Brasil. Os dois primeiros parágrafos de seu manifesto - intitulado “Socialismo com a nossa cara” - afirmam:

Nos bancos das escolas e universidades, no cotidiano do trabalho das fábricas e repartições, nas periferias, no duro ofício de lavrar a terra, nas praças, ruas, palcos, quartéis, campos, praias e festas dizemos: Presente!

Somos milhões de faces que dão a cara jovem ao Brasil. Somos socialistas porque somos jovens e andamos abraçados com o futuro e a busca da felicidade - desejos que são diariamente frustrados nessa sociedade capitalista que não tem perspectiva e só nos oferece a desilusão e a exploração.<sup>10</sup>

Os principais dirigentes da entidade são jovens filiados ao Partido Comunista do Brasil (PCdoB). Apesar disso, a UJS não é a juventude do partido.<sup>11</sup> Em suas bases, e mesmo nas direções, constata-se a existência de militantes independentes (sem filiação partidária) ou até mesmo de jovens que têm como referência outros partidos de esquerda. Quando indagados sobre sua localização no espectro ideológico, os membros do movimento respondem da seguinte forma:

9 UNIÃO DA JUVENTUDE SOCIALISTA. *Estatuto da União da Juventude Socialista*. São Paulo, s.d. Disponível em: <<https://ujjs.org.br/sobre-a-ujjs/estatuto/>>. Acesso em: 28 out. 2024.

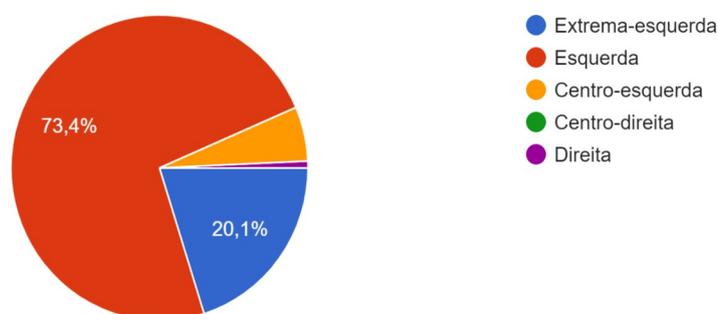
10 UNIÃO DA JUVENTUDE SOCIALISTA. *Socialismo com a nossa cara: manifesto da União da Juventude Socialista*. São Paulo, s.d. Disponível em: <<https://ujjs.org.br/manifestos/>>. Acesso em: 28 out. 2024.

11 Seguindo uma tradição própria dos partidos comunistas, o PCdoB não possui organizações definidas por faixa etária. “As OBs e os comitês especificamente de jovens não estão previstos em nosso Estatuto. [...] O filiado é organizado por local de trabalho, moradia e estudo [...]. O Comitê Central considera inadequadas, em qualquer hipótese, as organizações de base ou comitês setoriais de jovens.” Cf. PCdoB — Partido Comunista do Brasil. *Partido e juventude: resoluções e documentos do PCdoB*. São Paulo, 2005. 1 livreto. p. 15. O partido orienta, assim, que seus jovens filiados se organizem em bases e comitês nos termos colocados acima, mas militem na UJS. “Os jovens militantes do Partido devem garantir, sempre com sua capacidade política e pelo método do convencimento, que a UJS fundamente a sua atividade e se oriente pela linha política do PCdoB. Ao mesmo tempo, a UJS é uma organização juvenil da qual participam amplas massas, uma organização de luta pelos direitos da juventude. É um espaço de vivência e de formação cultural e política da juventude.” (PCdoB — Partido Comunista do Brasil. *Partido e juventude: resoluções e documentos do PCdoB*. São Paulo, 2005. 1 livreto. p. 11) Em síntese, a UJS não se encaixa no modelo orgânico de juventudes partidárias, pois possui autonomia em relação às estruturas do PCdoB.

**Gráfico 3** Autodefinição ideológica da militância

Como você se define politicamente?

139 respostas



**Fonte** Elaboração própria a partir do *Google Forms*

A UJS atua como corrente política nos mais diversos movimentos organizados. Lideranças oriundas de suas fileiras dirigem as principais entidades estudantis do país - a União Nacional dos Estudantes (UNE), a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (Ubes) e a Associação Nacional de Pós-Graduandos (ANPG). A organização também tem atuação nos movimentos sindical, comunitário, feminista, antirracista, LGBTQIA+ e outros. Jovens com atuação prioritária na cultura e nos esportes também encontram na entidade espaços coletivos para a discussão de políticas e ações voltadas a essas áreas.

A UJS possui coordenações em todos os estados e em centenas de municípios brasileiros. A adesão à entidade se dá por meio de filiações, sendo este o primeiro vínculo formal que se estabelece entre o movimento e seus componentes. As filiações, que até o início dos anos 2000 se davam exclusivamente por meio de fichas de papel,<sup>12</sup> hoje acontecem majoritariamente on-line. Um link no site da organização encaminha para o preenchimento de um formulário com os dados pessoais do futuro filiado. Há espaço para definir que tipo de ajuda será dada ao movimento; entre as opções é possível escolher ser “fábrica de memes”, produtor de fotografias e vídeos por meio do celular, compartilhador de postagens, produtor de artigos para o site ou “hacker ativista”.

<sup>12</sup> Segundo o entrevistado Ricardo Abreu de Melo, no período de fundação da UJS as filiações ocorriam principalmente através da presença nas lutas juvenis. Pessoas que estavam na luta pelas “Diretas já” ou nas batalhas pela educação, entre outras, recebiam fichas de filiação e eram convidadas a participar da entidade. Cf. MELO, R. A. *Respostas a questões sobre o ciberativismo da UJS*. Destinatário: Maria Júlia Sousa. [S. l.], 14 out. 2020. 1 mensagem eletrônica).

Figura 1 Cartaz para filiação à UJS

Você pode contribuir com a comunicação da UJS. Como? Clica na imagem!



Fonte Site da UJS (<https://uj.org.br>). Acesso em set. 2020.

Figura 2 Tela inicial de formulário para filiação à UJS



Fonte Site da UJS (<https://uj.org.br>). Acesso em set. 2020.

A UJS é a única organização política da juventude brasileira com quatro décadas de existência ininterrupta, completando 40 anos em 2024. Dada essa longa história, viveu distintas fases do associativismo civil em nosso país, sendo testemunha das transformações morfológicas por que passaram, nas últimas décadas, os movimentos associativos. Por essas características, a organização presta-se ao exame da hipótese

DE AZEVEDO ; SOUSA • “Movimentos juvenis, ativismo digital e novas morfologias associativas”  
anteriormente levantada, ou seja, que entidades antigas da sociedade civil, acostumadas a modelos organizativos presenciais, foram obrigadas a mudar com o advento das novas tecnologias, condição sem a qual não sobreviveriam - pelo menos não com a mesma influência.

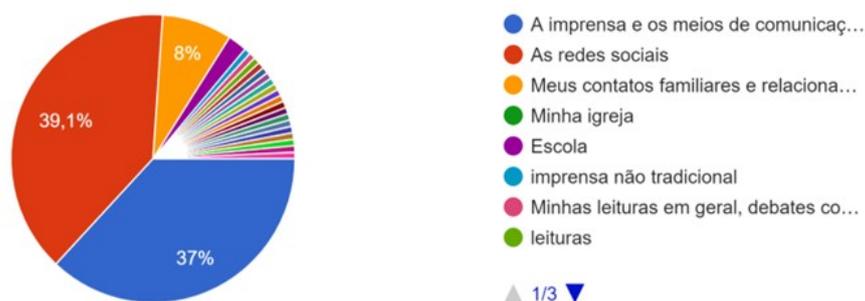
### A UJS nas redes

Ao longo dos últimos anos, acompanhamos as principais redes sociais da União da Juventude Socialista. Em 2020, as contas oficiais do movimento já eram verificadas,<sup>13</sup> ou seja, possuíam o selo de autenticidade disponibilizado, em geral, para perfis de personalidades ou instituições de prestígio.<sup>14</sup> Cabe notar que, segundo 39,1% dos questionários (54 respostas ao todo), o principal meio de acesso às notícias e de formação de opiniões políticas são as mídias sociais. É o que vemos no gráfico 4, disponibilizado abaixo.

**Gráfico 4** Fontes de informação usadas na formação de opiniões políticas

Tirando a UJS, qual desses meios ou instituições são mais decisivos em conformar suas opiniões políticas?

138 respostas



**Fonte** Elaboração própria a partir do *Google Forms*

Logo após as redes sociais vêm a imprensa e os meios de comunicação tradicionais, on-line ou não, com 51 respostas (36,95%). Contatos familiares e relacionamentos

<sup>13</sup> A exceção é o TikTok, rede na qual a UJS não possui selo de verificação.

<sup>14</sup> Em 2023, o Twitter passou por alterações após mudanças em sua administração, a começar do nome da rede, que passou a se chamar “X”. Essas mudanças alcançaram a política de verificação de contas: o “selo azul” passou a ser comercializado, deixando, assim, de denotar prestígio da fonte. Com isso, a conta da UJS no X-Twitter não é mais verificada.

interpessoais foram a opção de 11 respondentes (7,97%). A escola surge como alternativa principal em três respostas (2,17%). Outras opções aparecem no espaço deixado para respostas espontâneas. Aqui, o destaque fica para: 1) estudos, pesquisas e leituras individuais de materiais teóricos e científicos, mencionados oito vezes (5,8%) de diferentes formas, algumas delas em associação com a imprensa, as redes sociais, o YouTube e os debates com pessoas próximas; 2) meios de comunicação alternativos e imprensa não tradicional, que surgem quatro vezes (2,89%), uma delas em associação com “o ambiente de trabalho e estudo”; 3) os ambientes e fóruns de discussão do PCdoB, fator citado em duas respostas (1,45%). Por fim, “academia”, “ciência” e “podcast” são opções citadas uma única vez.

A principal mídia social na qual os militantes acessam as ideias e diretivas da UJS é o Instagram. Um total de 93 (67,39%) dos questionários respondidos apontou essa plataforma como meio principal de acesso às notícias e orientações do movimento. Isso provavelmente ocorre por ser uma rede que possibilita laços diversificados e multiplexos,<sup>15</sup> os quais abarcam desde a dimensão pessoal até interesses mais direcionados e posicionamentos no debate público.

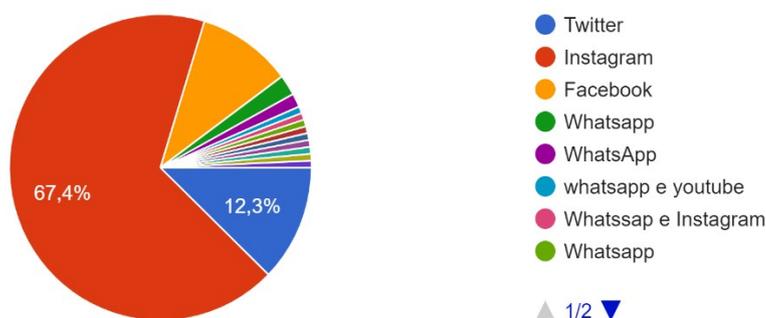
As redes mais citadas após o Instagram são o Twitter, com 17 respostas (12,32%), e o Facebook, com 14 (10,14%). Sete pessoas (5,07%) citaram apenas o WhatsApp, e outras cinco (3,62%) citaram o WhatsApp associado a outras redes. O YouTube é citado três vezes (2,17%), uma delas sozinho e outras duas em associação com o WhatsApp e com podcasts.

15 Laços são conexões entre os atores, formados através de um conjunto de interações. Laços multiplexos são aqueles que comportam um conjunto mais variado de relações sociais (de trabalho, lazer, parentesco, troca de ideias etc.). Cf. RECUERO, R. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

Gráfico 5 “Dieta” de mídias sociais da militância

Em qual destas redes sociais você mais acessa as ideias e diretivas da UJS?

138 respostas



Fonte: Elaboração própria a partir do *Google Forms*

O Instagram da UJS (@ujb\_brasil) foi criado em 2015 e até a metade desse mesmo ano conquistou um crescimento de 60% no número de curtidas em suas postagens. Entre as principais publicações do perfil registram-se críticas ao governo Bolsonaro e aos sistemas de dominação política; estímulo a protestos presenciais e “tuitaços”; e apoio a políticos e causas ligadas ao espectro político de esquerda. Há também publicações de cunho educativo, ligadas ao trabalho de formação política. Todas as postagens nessa mídia social são ligadas a notícias e situações de grande apelo na internet. Em 2020, o Instagram da entidade tinha 39,9 mil seguidores, número que subiu para 57,4 mil no início de 2024. Além disso, a conta da entidade totalizava 3,8 mil publicações, com uma média de 436 curtidas nas últimas seis fotos postadas quando da observação realizada em 2020. Atualmente já são 7,4 mil publicações no Instagram, com uma média de 284 curtidas nas seis últimas fotos postadas nessa plataforma. Hipóteses para essa queda no número de interações serão apresentadas à frente.

A conta da UJS no X-Twitter (@UJSBRASIL) foi criada em 2009. Portanto, durante as manifestações de 2013 a página já existia. No entanto, o engajamento nesse período era consideravelmente mais baixo. Em 2020, a conta reunia 37,8 mil seguidores e contabilizava 29,4 mil postagens. Atualmente, a conta registra 44,1 mil seguidores.<sup>16</sup> As postagens nessa rede seguem a mesma linha do Instagram do movimento.

<sup>16</sup> A partir das mudanças efetivadas em 2023, o X-Twitter deixou de disponibilizar o número total de postagens de cada conta.

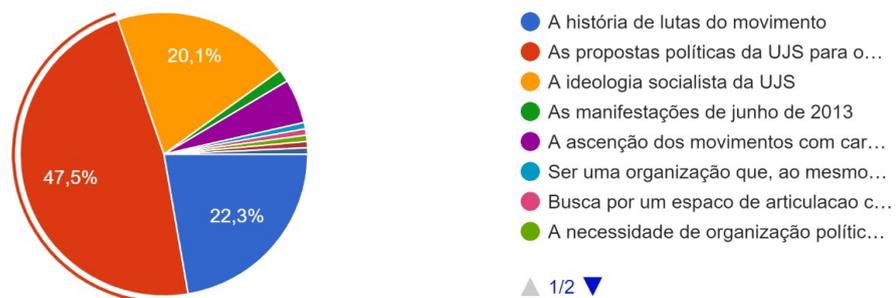
Quanto ao Facebook, no ano de 2020 a conta da UJS (UJS Brasil) contava com mais de 100 mil curtidas na página. A mesma conta possui hoje 99 mil seguidores.<sup>17</sup> Foi possível constatar que, entre os 17 entrevistados que entraram para a UJS antes de 2013, todos já usavam o Facebook para exercer sua militância nesse período. Por fim, no Tiktok, mídia digital inaugurada no Brasil em 2017, que já possui 82,2 milhões de usuários brasileiros de acordo com dados de 2023 da DataReportal,<sup>18</sup> a UJS possui 1.471 seguidores e 12,4 mil curtidas no aplicativo.

Antes mesmo da popularização das novas tecnologias, a UJS já mobilizava um número relevante de jovens para as suas causas. Essa tendência é intensificada neste novo cenário de mensagens instantâneas com distribuição capilarizada. A presença da organização nas redes reproduz e amplifica o “sentimento de pertencer a uma comunidade”,<sup>19</sup> base psicossocial que estrutura os relacionamentos, inclusive aqueles criados ou sedimentados em redes digitais. Por meio de suas redes, a UJS reforça esse sentido de pertencimento naqueles jovens que se vinculam à sua visão ideológica e às suas propostas políticas. Estes estão, aliás, entre os principais elementos mencionados pelos próprios membros da organização quando indagados sobre o porquê de terem aderido ao movimento juvenil socialista.

**Gráfico 6** Razões para o ingresso na organização

Qual das alternativas abaixo mais contribuiu para aproximar você da militância na UJS?

139 respostas



**Fonte** Elaboração própria a partir do *Google Forms*

- 17 Em 2020, uma mudança no Facebook trocou o número de curtidas na página pelo número de seguidores. Cf. ALECRIM, E. “Facebook muda design das páginas e remove total de curtidas”. *Tecnoblog*, 2020. Disponível em: <<https://tecnoblog.net/noticias/2021/01/06/facebook-muda-design-paginas-remove-total-curtidas>>. Acesso em: 29 jan. 2023.
- 18 “RANKING mostra quantos brasileiros estão no TikTok em 2023”. *Exame*, São Paulo, 8 abr. 2023. Disponível em: <<https://exame.com/tecnologia/ranking-mostra-quantos-brasileiros-estao-no-tiktok-em-2023>>. Acesso em: 29 jan. 2023.
- 19 LIMA JÚNIOR, W. T. “Mídias sociais conectadas e jornalismo participativo”. MARQUES, Â. *et al.* (Org.). *Esfera pública, redes e jornalismo*. Rio de Janeiro: E-papers, 2009. p. 173.

Percebe-se, consoante ao gráfico acima, que, quando questionados sobre o motivo que os levou a se aproximar da UJS, um total de 66 jovens (47,48%) responde que o principal fator foram as propostas políticas da UJS para o Brasil e por mais direitos para a juventude. Em segundo lugar fica a história de lutas do movimento, com 31 respostas (22,3%), e em terceiro a ideologia socialista da entidade, com 28 marcações (20,14%). A ascensão de movimentos com características fascistas no Brasil recebeu sete respostas (5,04%). As manifestações de 2013 são responsáveis por duas respostas (1,44%). Outras alternativas aparecem no espaço para respostas abertas: “ser uma organização que, ao mesmo tempo, se aproximava da minha visão de mundo e que valorizava a prática, o que entendo como sendo nossa visão materialista em contraposição ao idealismo de outras organizações”; “busca de um espaço de articulação com outrxs lgbs que pensassem de maneira próxima”; “a necessidade de organização política de base forte com a qual a UJS já conta”; “militância no movimento feminista”; e “a política de base”. Cada uma dessas respostas aparece uma única vez.

Quando examinamos teoricamente as três respostas mais frequentes no gráfico 6, fica claro que a UJS combina dois elementos enfatizados em distintos paradigmas de estudo dos movimentos sociais, tanto europeus quanto norte-americanos: a identidade e os interesses.<sup>20</sup> Enquanto os interesses podem ser observados nas propostas do movimento - que materializam anseios sentidos da juventude brasileira -, a identidade é dada, de um lado, pela ideologia socialista e, de outro, pela história de lutas, a partir da qual se forjaram os repertórios e símbolos que funcionam como marcos referenciais do movimento. A combinação entre identidade - em larga medida vincada pela ideologia - e interesses materiais faz com que certos movimentos assumam uma dupla face: “Muitas vezes um mesmo grupo age ora como movimento ora como partido, sendo estas mudanças parte de sua estratégia”.<sup>21</sup> É o que ocorre com a UJS, entidade que se comporta às vezes como movimento reivindicatório, às vezes como uma espécie de partido político juvenil.

Nos últimos anos a militância da UJS se tornou mais ativa em ambiências virtuais, situação intensificada com o isolamento social decorrente da pandemia de coronavírus. Conforme narra a jornalista Daniella Rebello, diretora de comunicação da UJS, durante a pandemia a organização mobilizou seus militantes de forma remota por meio de cursos de formação política. Dialogando fortemente com temas da conjuntura, os

20 GOHN, M.-G. *Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. 8. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

21 GOHN, M.-G. *Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. 8. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010. p. 110.

cursos oferecidos pela Escola Castro Alves, da UJS, alcançaram mais de 100 mil pessoas. A ativista afirma que a entidade busca, por meio de iniciativas como essa, usar suas mídias sociais para passar a forma como quer agir para transformar a realidade.<sup>22</sup> As redes são vistas, nessa perspectiva, como meio de formar uma militância mais informada e capaz de articular competências.

Esse modo de atuação nas redes, contudo, não deixa de enfrentar adversidades e dilemas. Como destaca outro entrevistado, o ex-dirigente Ricardo Abreu de Melo, o principal desafio é a curadoria da avalanche de informações que interpela os militantes todos os dias.<sup>23</sup> Essa preocupação deixa claro que as redes abriram caminhos de participação ativa em sentidos diversos - e mesmo opostos -, nem todos eles condizentes com os objetivos da organização juvenil em tela. Em outras palavras, não é possível atuar nas redes de forma tácita, sem enfrentar os riscos oriundos dos sistemas de propriedade e modelos de negócios das plataformas.

Parece inegável, de todo modo, que, independentemente dos interesses que confluem para a web 2.0 e dela se servem, as redes ampliaram o poder de fogo de campanhas, movimentos e demais articulações da sociedade civil. Colocaram seus usuários em conexão com fatos e causas dos quais dificilmente tomariam conhecimento antes do advento dos ambientes digitais. As redes tornaram mais próximo aquilo que de outra forma pareceria distante ou não seria sequer conhecido. “Essa desterritorialização dos laços é consequência direta da criação de novos espaços de interação”.<sup>24</sup> Tendência tal surge clara entre os respondentes do questionário, como se vê no gráfico 7:

22 REBELLO, D. *Respostas a questões sobre o ciberativismo da UJS*. Destinatário: Maria Júlia Sousa. [S. l.], 27 set. 2020. 7 mensagens eletrônicas.

23 MELO, R. A. *Respostas a questões sobre o ciberativismo da UJS*. Destinatário: Maria Júlia Sousa. [S. l.], 14 out. 2020. 1 mensagem eletrônica.

24 RECUERO, R. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 44.

**Gráfico 7** Motivos para o envolvimento com uma cibercausa

O que mais aproxima você de uma cibercausa?

138 respostas



**Fonte** Elaboração própria a partir do *Google Forms*

A tendência à desterritorialização dos laços confirmou-se dramaticamente durante a pandemia de covid-19. Nesse período, a intensificação da militância virtual permitiu até mesmo a criação de núcleos regionais de forma completamente remota. É o caso da UJS-Joinville (SC), prova da adaptação dos movimentos de esquerda à lógica das redes on-line. A organização foi criada sem quaisquer encontros presenciais. Em entrevista concedida à pesquisadora que assina este artigo, a presidente da entidade, Larissa Pereira, explica que, uma vez iniciada a quarentena, a juventude passou a ter dificuldades para se organizar politicamente. Afinal, os pilares das organizações juvenis sempre foram os protestos e as manifestações de rua. Em Joinville, existiam alguns militantes atuantes, mas não chegavam a configurar uma juventude organizada. Era necessário agregar um número maior de pessoas dispostas a construir uma organização política.<sup>25</sup>

Os cursos de formação oferecidos pela UJS nacional durante a quarentena foram o “ponto de encontro” que permitiu aproximar os simpatizantes do movimento social de Joinville. Muitos começaram a demonstrar interesse em compor as fileiras da organização. O cenário ideal eram as ruas, universidades, escolas; a atividade ideal eram as reuniões, plenárias, rodas de conversa. No entanto, não era essa a realidade colocada. Pereira conta que, a certa altura, houve a decisão de realizar todo esse processo de forma on-line. Além de reuniões por vídeo e conversas em grupos de WhatsApp, os ativistas

<sup>25</sup> PEREIRA, L. *Respostas a questões sobre o ciberativismo da UJS*. Destinatário: Maria Júlia Sousa. [S. l.], 5 out. 2020. 6 mensagens eletrônicas.

realizaram uma plenária com a presença de representantes nacionais da UJS. Esse dia marcou a inauguração da UJS-Joinville.<sup>26</sup>

Chama atenção como esse braço da organização nasceu de uma disposição local. Esta, porém, foi facilitada por iniciativas da Direção Nacional da UJS. A pandemia de coronavírus possibilitou ativar ainda mais a força do on-line dentro da instituição. Com a impossibilidade de interação presencial, o movimento juvenil socialista decidiu estabelecer formas de conectar-se com seus militantes e conquistar novas pessoas para a causa. A ideia de “alimentar” seu público com informação política por meio dos cursos de formação aperfeiçoou a forma como a UJS utiliza os meios *on-line* para fazer com que seus militantes se sintam pertencentes a uma mesma “família” política.

### O desafio das manifestações de 2013

Próxima de completar 40 anos de existência ininterrupta, a UJS vivenciou mudanças ao longo de sua trajetória. Muitas delas foram impulsionadas externamente, por fatores ligados à ambiência política mais ampla. O turbulento ano de 2013 foi uma das maiores provações enfrentadas pelo movimento e isso se deu por vários motivos.

As manifestações de junho daquele ano foram precursoras no uso das redes sociotécnicas em atividades de mobilização política. Conforme explica Melo,<sup>27</sup> no período anterior os militantes usavam megafones, além de caixas e carros de som. Quando o movimento possuía mais recursos, utilizava mimeógrafos, offset e máquinas xérox. A amplificação das falas também era feita com a utilização de recursos físicos inatos e constitucionais como a voz humana, caso do chamado “microfone do povo”.<sup>28</sup> Outro meio bastante utilizado eram os cartazes, geralmente feitos à mão. As mídias eletrônicas, como televisão e rádio, só eram acessíveis por meio de *gatekeepers* muitas vezes desatentos à lógica e às reais demandas do movimento.

Esses meios não deixaram de ser usados em 2013, mas, à exceção da TV, se tornaram coadjuvantes, mais adequados a finalidades táticas de tiro curto. Da mesma forma que a irrupção do meio televisivo levou à reorganização dos sistemas comunicacionais, acarretando o reposicionamento de outros meios, também agora,

26 PEREIRA, L. *Respostas a questões sobre o ciberativismo da UJS*. Destinatário: Maria Júlia Sousa. [S. l.], 5 out. 2020. 6 mensagens eletrônicas.

27 MELO, R. A. *Respostas a questões sobre o ciberativismo da UJS*. Destinatário: Maria Júlia Sousa. [S. l.], 14 out. 2020. 1 mensagem eletrônica.

28 “Microfone do povo”: quando um orador profere seu discurso pausadamente e a multidão em volta vai repetindo, em uníssono, cada uma das palavras e frases, produzindo não só um efeito amplificador, mas também de coesão e unidade discursiva. Cf. CASTELLS, M. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. p. 140.

uma vez mais, a centralidade trocava de mãos, transferindo-se para um novo sistema “baseado na integração em rede digitalizada de múltiplos modos de comunicação”.<sup>29</sup> Tamanha é abrangência do novo meio que “só a presença nesse sistema integrado permite a comunicabilidade e a socialização da mensagem. Todas as outras mensagens são reduzidas à imaginação individual ou às subculturas resultantes de contato pessoal, cada vez mais marginalizadas”.<sup>30</sup>

À medida que se descortinavam as possibilidades associativas da web 2.0, os sujeitos ganhavam protagonismo postando conteúdos, difundindo desejos e reivindicações, compartilhando experiências. Essas novas possibilidades conferiram traços inéditos a manifestações como as de 2013. Na visão de Santos, embora os indivíduos e grupos que se projetam nas redes e nas ruas não necessariamente sejam os mesmos, os protestos de junho “servem como marco temporal que evidencia mudanças em ambas as arenas de disputa política”.<sup>31</sup> Em outras palavras, surgiam ali novas morfologias associativas, as quais se conformavam na conjugação entre redes e ruas.

No período anterior, as ações de protesto eram geralmente convocadas por um emissor privilegiado, fosse ele uma liderança, fosse uma entidade representativa como os sindicatos ou as entidades estudantis e juvenis. O Junho brasileiro inaugurava uma forma nova de convocatória, que partia muitas vezes dos próprios convocados, num processo em que comunicação e organização se interpenetram. Dissipava-se a distância entre *conversação cívica* e *engajamento associativo*.<sup>32</sup> Interações voltadas à construção de opiniões e pontos de vista mostravam-se cada vez mais inseparáveis do momento propriamente orgânico, em que a ação coletiva se precipita no espaço público para influenciar escolhas e definições políticas.

Na avaliação de Rebello, a mudança ocasionada pelas novas tecnologias de informação e comunicação, no que tange à convocação e à organização de protestos, representou um grande desafio para o movimento. Afinal, a entidade estava muito enraizada nas bases a partir dos antigos métodos presenciais.<sup>33</sup> Na própria militância ainda não era generalizado o uso de redes. Como vemos no gráfico 8, entre os militantes

29 CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 461.

30 CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 461.

31 SANTOS, N. *Social media logics: visibility and mediation in the 2013 Brazilian protests*. London: Palgrave Macmillan, 2022. p. 148.

32 MATOS, H. “Opinião pública e conversação cívica”. MARQUES, Â. et al. (Org.). *Esfera pública, redes e jornalismo*. Rio de Janeiro: E-papers, 2009. p. 107-122.

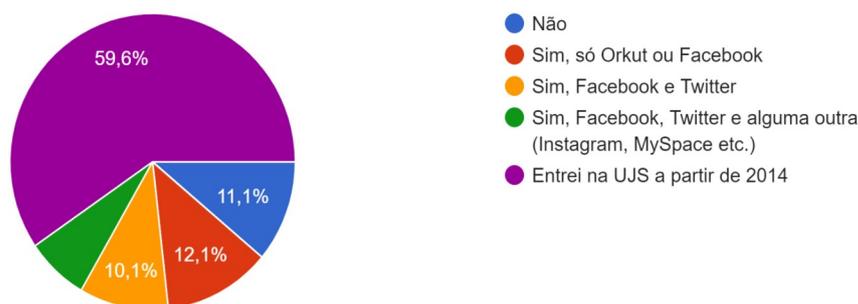
33 REBELLO, D. *Respostas a questões sobre o ciberativismo da UJS*. Destinatário: Maria Júlia Sousa. [S. l.], 27 set. 2020. 7 mensagens eletrônicas.

que já faziam parte da UJS antes de 2014 (40,4% do total),<sup>34</sup> cerca de um em cada quatro ainda não possuía conta em nenhuma plataforma digital.<sup>35</sup>

**Gráfico 8** “Dieta” de mídias sociais da militância até 2014

Caso você tenha começado a fazer parte da UJS antes de 2014, naquele período você já usava alguma mídia social para exercer sua militância?

99 respostas



**Fonte** Elaboração própria a partir do *Google Forms*

Rebello<sup>36</sup> conta que a UNE possui um Circuito Universitário de Cultura e Arte - o Cuca. A UJS, como corrente atuante no movimento estudantil, desenvolveu intensa atuação nesse centro cultural, que convidava a uma militância política concebida a partir de uma perspectiva cultural, fotográfica e audiovisual. Segundo a jornalista, a atuação no Cuca, em conjunto com a experiência nas manifestações de 2013, permitiu realizar mudanças nas formas de narrar, convocar, organizar e mobilizar manifestações.<sup>37</sup>

34 Nota-se que há uma inconsistência entre o gráfico 8 e o gráfico 2. Neste último, 12,2% dos militantes informam que entraram nas fileiras da UJS antes de 2013, e outros 10,1% afirmam ter se incorporado à organização entre os anos de 2013 e 2014. Esse número totaliza 22,3%, bem distante dos 40,4% que, no gráfico 8, não marcaram a opção “entrei na UJS a partir de 2014”. Acreditamos que essa incongruência se deve a um fato simples: muitos, tendo ou não entendido a pergunta com exatidão, resolveram apontar a(s) rede(s) que usavam à época, independentemente de serem então filiados à UJS.

35 Importante perceber, porém, o quanto esse número destoa da média da população em geral naquele período. Segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia 2014, que foi a campo entre os dias 12 de outubro e 6 de novembro de 2013, 53% dos brasileiros permaneciam, então, sem qualquer acesso à internet. Entre os que se declaravam conectados, apenas 26% acessavam a internet todos os dias da semana. Os que entravam na internet ao menos uma vez por semana totalizavam 77% dos respondentes com até 25 anos, número que caía para apenas 3% na população com mais de 65 anos. Cf. BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. *Pesquisa Brasileira de Mídia 2014: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira*. Brasília: Secom, 2014. Em 2013, portanto, os jovens estavam entre os grupos sociais mais conectados, fato corroborado pelo gráfico 8.

36 REBELLO, D. *Respostas a questões sobre o ciberativismo da UJS*. Destinatário: Maria Júlia Sousa. [S. l.], 27 set. 2020. 7 mensagens eletrônicas.

37 REBELLO, D. *Respostas a questões sobre o ciberativismo da UJS*. Destinatário: Maria Júlia Sousa. [S. l.], 27 set. 2020. 7 mensagens eletrônicas.

Naquele período, a integração entre a colaboração física e as redes permitiu que a organização obtivesse maior alcance.

Ao mesmo tempo, já havia algum tempo que o movimento prestava atenção ao crescimento das novas tecnologias. Realizado em 2010, o 15º Congresso Nacional da UJS teve como lema “Nas redes e nas ruas”. A organização sabia que precisava se adaptar, mas optou por não fazer uma mudança abrupta. Preferiu construir um modelo híbrido de comunicação com as bases e o público mais amplo, de forma a tornar o processo mais fluido. Isso foi possível, na perspectiva de Melo, porque a UJS sempre foi flexível em sua forma de fazer política - “mais horizontal, mais aberta, um ambiente saudável para a juventude”.<sup>38</sup> Ele acredita, desse modo, que o maior impacto do ano de 2013 na organização esteve relacionado à disputa pelo lugar de fala com as forças conservadoras.<sup>39</sup>

Ocorre que em 2013, ao mesmo tempo que os movimentos associativos experimentavam mudanças orgânicas, inaugurava-se no país um período de intensa polarização política. Articulações juvenis de direita, antes restritas aos “subterrâneos” da internet, começavam a ganhar as ruas.<sup>40</sup> Segundo Melo, o ano de 2013 marca a entrada de setores conservadores no terreno da mobilização social para disputar a consciência política da juventude.<sup>41</sup> Anteriormente não havia no país uma organização juvenil de direita.<sup>42</sup> Articulações desse tipo surgem de investimentos que resultaram em um maior conhecimento das peculiaridades da militância virtual.

Foi assim que, acostumada a exercer protagonismo em manifestações como as do “Fora Collor!” (1992),<sup>43</sup> a UJS via-se agora em meio a um ambiente no qual precisava

38 MELO, Ricardo Abreu de. *Respostas a questões sobre o ciberativismo da UJS*. Destinatário: Maria Júlia Sousa. [S. l.], 14 out. 2020. 1 mensagem eletrônica.

39 MELO, Ricardo Abreu de. *Respostas a questões sobre o ciberativismo da UJS*. Destinatário: Maria Júlia Sousa. [S. l.], 14 out. 2020. 1 mensagem eletrônica.

40 NOBRE, M. *Limites da democracia: de junho de 2013 ao governo Bolsonaro*. São Paulo: Todavia, 2022.

41 MELO, R. A. *Respostas a questões sobre o ciberativismo da UJS*. Destinatário: Maria Júlia Sousa. [S. l.], 14 out. 2020. 1 mensagem eletrônica.

42 Organizações juvenis como MBL e Vem pra Rua! são criadas no imediato pós-2013: a primeira em novembro de 2014; a segunda em outubro do mesmo ano. Entre as organizações juvenis de perfil conservador que ganhariam maior notoriedade após 2013, a única que já existia durante as manifestações de junho era Revoltados On Line (ROL), mas com outro caráter, como movimento de combate à pedofilia. Após 2013, o ROL é repaginado para assumir um conteúdo político abertamente de direita. Cf. PAVARIN, G. “O ostracismo do maior revoltado online”. *Piauí*, São Paulo, 26 maio 2017. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/o-ostracismo-do-maior-revoltado-online>>. Acesso em: 13 jun. 2023).

43 A consigna “Fora Collor!” surgiu no 42º Congresso da UNE (Niterói, RJ, 28 a 31 de maio de 1992). Especificamente, foi proposta pela tese *Pro que der e vier*, assinada por militantes da UJS e do PCdoB. Eleitos naquela oportunidade para a direção da UNE, muitos deles - incluindo o líder dos “caras-pintadas” e então membro da Direção Nacional da UJS, Lindbergh Farias - saíram do congresso direto para a organização das primeiras passeatas. Cf. UNIÃO DA JUVENTUDE SOCIALISTA. *Revista dos 20 anos da UJS*. São Paulo, 2004; SANTOS, J. S. “Movimento estudantil e o ‘Fora Collor’”. *Juventude.br*, [S. l.], n. 16, p. 6-13, 2021.

disputar liderança com outras forças - e desta vez não apenas do mesmo campo, mas também do campo adversário. Referindo-se às manifestações de junho de 2013, Daniela Rebello assevera que,

para além dessa parte da comunicação, a UJS enquanto organização política foi colocada em evidência porque foi um debate de polarização. Então, ao mesmo tempo que você tinha uma turma em uma negação muito forte da política [...], você também tinha as pessoas que a todo custo queriam entender a política.<sup>44</sup>

A jornalista se refere ao discurso contra a política e as organizações populares, que, a certa altura, penetrou com força nas manifestações de 2013. As entidades partidárias, sindicais e estudantis passavam a ser vistas como “intrusas”, capazes de usurpar do movimento a sua autenticidade. Em São Paulo, militantes de agremiações político-partidárias chegaram a ser agredidos e ter suas bandeiras rasgadas.<sup>45</sup> Essa tendência não se dissocia da progressiva entrada da direita nas manifestações, tendo contribuído para esse ingresso. Ocorre que o grito contra partidos e entidades de representação era, afinal, um brado contra forças contra-hegemônicas e de esquerda, pois a direita não se apresentava nas manifestações sob o manto de partidos, sindicatos ou entidades estudantis, preferindo abrigar-se sob o escudo genérico da bandeira nacional.

Percebe-se, portanto, que, se movimentos como a UJS encontraram dificuldades para exercer protagonismo nas manifestações de 2013, isso não se deveu apenas ao formato tecnopolítico, que descentralizou convocatórias e diversificou protagonismos. Havia, para além desse elemento, um fator ideológico: o discurso contrário a organizações políticas e movimentos populares, que ajudou a desalojar atores tradicionais - por via de regra, contra-hegemônicos - do comando das manifestações.

Apresentamos abaixo as capturas de tela de alguns tuítes que expressam a opinião da UJS ao longo do ciclo de protestos de 2013. As palavras-chave usadas para reunir esses tuítes foram “manifestações” e “UJS”, e o período selecionado vai de 2 de maio a 30 de agosto de 2013. Reproduzimos também a arte de um cartaz usado pela UJS para a comunicação com os manifestantes do Junho brasileiro.

Disponível em: <https://juventudebr.emnuvens.com.br/juventudebr/article/view/177>. Acesso em: 26 out. 2024.

44 REBELLO, D. *Respostas a questões sobre o ciberativismo da UJS*. Destinatário: Maria Júlia Sousa. [S. l.], 27 set. 2020. 7 mensagens eletrônicas.

45 “HOSTILIZADOS, petistas abandonam ato pós-redução de tarifa em SP”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 21 jun. 2013. Disponível em: <[www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/115090-hostilizados-petistas-abandonam-ato-pos-reducao-de-tarifa-em-sp.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/115090-hostilizados-petistas-abandonam-ato-pos-reducao-de-tarifa-em-sp.shtml)>. Acesso em: 11 jun. 2023; “MOVIMENTO Passe Livre repudia violência contra partidos políticos”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 21 jun. 2013. Disponível em: <<https://m.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1298841-movimento-passe-livre-repudia-violencia-contra-partidos-politicos.shtml?mobile>>. Acesso em: 11 jun. 2023.

Figura 3 Postagem da UJS



Fonte Twitter

Figura 4 Sequência de postagens da UJS



Fonte Twitter

Figura 5 Postagem da UJS



Fonte Twitter

Figura 6 Cartaz da UJS difundido durante as manifestações de 2013



Fonte Acervo pessoal do militante e ex-dirigente Ismael Cardoso.

As imagens acima mostram como as manifestações de 2013 se tornaram, a certa altura, uma *arena discursiva* na qual forças de distintas orientações, à esquerda e à direita, disputaram a primazia das redes e das ruas.<sup>46</sup> Para Melo,<sup>47</sup> desde então o ativismo nas redes tem sido mais bem aproveitado pelos movimentos de direita. Isso ocorreria em função do maior investimento de recursos humanos e materiais, resultando em certa dianteira no entendimento dos algoritmos e das particularidades dessa forma de militância. Pudemos perceber, por meio das respostas aos questionários, que essa percepção é partilhada pelos militantes da UJS, como vemos no gráfico 9:

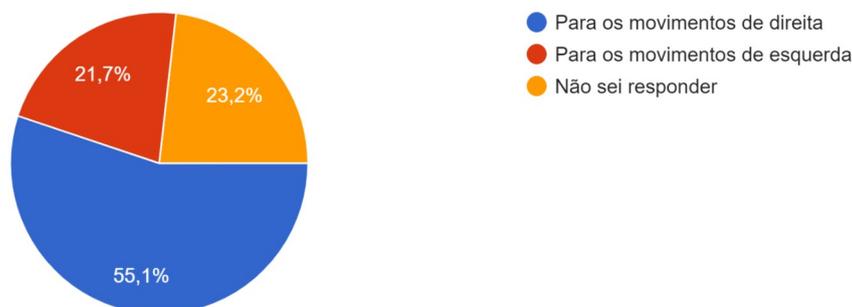
46 PALÁCIO, F. *Sob o céu de Junho: as manifestações de 2013 à luz do materialismo cultural*. São Paulo: Autonomia Literária, 2023. p. 204.

47 MELO, R. A. *Respostas a questões sobre o ciberativismo da UJS*. Destinatário: Maria Júlia Sousa. [S. l.], 14 out. 2020. 1 mensagem eletrônica.

**Gráfico 9** Percepção da militância sobre benefícios do ciberativismo para a direita e a esquerda

Para você, o ciberativismo (ativismo nas redes) tem sido mais vantajoso:

138 respostas



**Fonte** Elaboração própria a partir do *Google Forms*

Apesar disso, Melo<sup>48</sup> pensa que o ativismo nas redes tem sido vantajoso também para a militância política de esquerda, pois permite mais rapidez na comunicação, mais contato com pessoas de diversos lugares, um acesso maior à informação, além de novos canais para difundir as ideias socialistas.

Essa avaliação faz lembrar as advertências de autores como Castells e Recuero: as novas tecnologias interativas têm sido utilizadas por atores diversos, em contextos variados, com diferentes objetivos. Por mais que essas tecnologias sejam condicionadas, desde a origem, por modelos de propriedade e objetivos comerciais, também são moldadas, em seus usos, por pessoas e grupos que buscam adaptá-las às suas necessidades.<sup>49</sup> Formas distintas de apropriação geram “valores diferentes para as redes e os atores que ali estão”.<sup>50</sup>

Ao fim e ao cabo, podemos definir as manifestações de 2013 como resultado de uma janela de oportunidades políticas<sup>51</sup> que se abriu para grupos tanto à esquerda

48 MELO, R. A. *Respostas a questões sobre o ciberativismo da UJS*. Destinatário: Maria Júlia Sousa. [S. l.], 14 out. 2020. 1 mensagem eletrônica.

49 CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 449.

50 RECUERO, R. “O capital social em rede: como as redes sociais na internet estão gerando novas formas de capital social”. *Contemporânea: Revista de Comunicação e Cultura*, Salvador (BA), v. 10, n. 3, p. 603, set./dez. 2012.

51 A noção de “oportunidades políticas” é útil para pensar o cenário de 2013. Nós a empregamos conforme pensada no paradigma norte-americano, embora seja oportuno registrar que o conceito, ao enfatizar as condições estruturais da ação coletiva, muitas vezes minimiza o poder dos movimentos e a iniciativa da sociedade civil como fatores ativos da mudança social. Cf. GOHN, M.-G. *Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Edições Loyola, 2010. p. 101. Na via oposta, o que as manifestações de 2013 revelam é que as oportunidades políticas resultam, antes, da interação entre as iniciativas

quanto à direita. Naquele período de conquistas e florescimento democrático, em que o Estado brasileiro, ao menos no plano federal, mostrava-se mais receptivo às demandas dos movimentos sociais, ficou claro que “mudanças nas oportunidades políticas podem gerar novas ondas de movimentos ou explicar novos desdobramentos nos já existentes”.<sup>52</sup>

O Junho brasileiro trouxe consigo novidades em relação a ciclos de mobilização anteriores, como aquele do “Fora Collor!”. A polarização política ganhou vazão com a entrada de novos atores, processo facilitado pelas inéditas morfologias associativas baseadas no uso intensivo da internet. Isso conduziu a um novo modelo de mobilização, com protestos “heterogêneos e contraditórios, geradores de polarizações em que se podem encontrar tanto aspirações democráticas como demandas reacionárias, conservadoras, racistas e xenófobas que lutam não pela conquista, mas pela retirada de direitos”.<sup>53</sup>

### **Relações entre on-line e off-line**

A experiência de 2013 trouxe impactos para a forma como a UJS organiza suas ações e protestos, em especial no que se refere às relações entre o remoto e o presencial, entre on-line e off-line. O processo de mobilização era feito inicialmente em separado: havia uma campanha para as ruas, outra para as redes. Atualmente, Daniella Rebello explica que o processo ocorre de outra forma. Organização, mobilização, divulgação e “amarração” são pensadas de forma conjunta para as redes e as ruas. “São duas coisas diferentes, mas elas se integram dentro de um processo, nenhuma exclui a outra, mas nenhuma existe sem a outra hoje em dia”.<sup>54</sup>

A diretora de comunicação explica que, atualmente, a UJS faz uma movimentação on-line virar protesto nas ruas como uma espécie de “cadeia alimentar”, pois são vários os processos que concorrem para formar essa mobilização. Os militantes criam comandos de mobilização em grupos de WhatsApp, fazem postagens no Instagram e mobilizam pessoas em sala de aula nas instituições educacionais para que esse conteúdo

dos movimentos e o cenário político mais amplo.

52 GOHN, M.-G. *Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. 8. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010. p. 101.

53 GOHN, M.-G. “Movimentos sociais: conceito, análises e desenvolvimento na história contemporânea”. PAIVA, A. R.; LIMA NETO, F.; SANCHES, T. *Movimentos e coletivos sociais: categorias em disputa*. Rio de Janeiro: Numa Editora, 2023. p. 35.

54 REBELLO, D. *Respostas a questões sobre o ciberativismo da UJS*. Destinatário: Maria Júlia Sousa. [S. l.], 27 set. 2020. 7 mensagens eletrônicas.

- a pauta e a data do protesto - chegue em mais pessoas. “O pessoal [do campo conservador] tem robô, a gente tem exército de verdade, né?”, ironiza a jornalista.<sup>55</sup>

Quando questionada sobre se acredita que o ciberativismo afastou os militantes das ruas, Rebello responde que, na verdade, esse tipo de ativismo fortaleceu a presença da juventude nas ruas. Para a comunicóloga, o movimento social conseguiu levar pessoas que estavam no ambiente on-line para os protestos presenciais, pois foi possível mobilizar e organizar pessoas de qualquer lugar.<sup>56</sup>

Essa visão é compartilhada pelo ex-dirigente Ricardo “Alemão” Abreu. Ele acredita que as ações on-line aproximaram os militantes das ruas. Muitas pessoas só conheceram a UJS e se filiaram a ela graças à entrada da organização nas ambiências virtuais. As redes permitiram um significativo ganho de velocidade nas convocatórias, pois se tornou possível enviar e receber informações, até mesmo interestaduais, em questão de segundos. O entrevistado cita, como exemplo útil para entender a força da internet na aproximação de militantes, os cursos de formação política ofertados pela UJS durante a pandemia. Outro exemplo mencionado são os grupos de WhatsApp. Melo explica que essas ferramentas são “assembleias populares permanentes” que possibilitam uma reunião de núcleo 24 horas por dia.<sup>57</sup>

Visões como as Rebello e Melo vão na contramão daquelas que, pautadas em uma separação rígida entre o on-line e o off-line, resultaram em concepções pessimistas sobre o ciberativismo. Na tentativa de entender as relações estabelecidas entre o “dentro” e o “fora” da rede, surgiram termos como “clickativismo”, a designar formas de militância que, existentes exclusivamente na rede, não transbordavam para o “mundo real”. Morozov chegou a cunhar o termo *slacktivism*<sup>58</sup> (algo como “ativismo preguiçoso”), um modelo de intervenção social e política que dispensa a organização de base e se contenta com postagens ou mesmo com interações meramente reativas na internet.

A conceituação de Morozov pretende alertar para o risco de as redes contribuírem para a dispersão de uma energia que poderia ser usada na atividade político-organizativa. Esse risco é real, e de fato parece permear a ação de alguns *clusters*<sup>59</sup> na internet, incluindo grupos juvenis e até juventudes políticas. Essa desconexão entre

55 REBELLO, D. *Respostas a questões sobre o ciberativismo da UJS*. Destinatário: Maria Júlia Sousa. [S. L.], 27 set. 2020. 7 mensagens eletrônicas.

56 REBELLO, D. *Respostas a questões sobre o ciberativismo da UJS*. Destinatário: Maria Júlia Sousa. [S. L.], 27 set. 2020. 7 mensagens eletrônicas.

57 MELO, R. A. *Respostas a questões sobre o ciberativismo da UJS*. Destinatário: Maria Júlia Sousa. [S. L.], 14 out. 2020. 1 mensagem eletrônica.

58 MOROZOV, E. “The brave new world of slacktivism”. *Foreign Policy*, Washington, DC, 19 de maio, 2009. Disponível em: <<https://foreignpolicy.com/2009/05/19/the-brave-new-world-of-slacktivism>>. Acesso em: 19 maio 2023.

redes e ruas, contudo, não é necessária: se as redes podem isolar os indivíduos da experiência coletiva, também podem conectá-los aos espaços públicos “reais”. Além disso, ainda que muitos jovens tenham sua participação restrita ao mundo on-line, essa tendência não pode ser interpretada sempre em chave negativa, como sinal de passividade, conformismo ou, como define Morozov, de narcisismo.<sup>60</sup>

Há boas razões, como veremos a seguir, para recusar abordagens reducionistas sobre o ciberativismo, ainda que grande parcela dos indivíduos siga participando apenas por meio de cliques. Não é possível desconhecer as evidências de que ações “meramente” virtuais podem ter consequências políticas nada desprezíveis - como vimos no Junho brasileiro e em outros episódios da mencionada “segunda onda de mobilizações globais” (2011-13). Além disso, é preciso ir além de rótulos depreciativos como “clickativismo” para verificar como ocorre, na prática, o ativismo digital. García-Galera, Del-Hoyo-Hurtado e Fernández-Muñoz afirmam que os jovens são ativos na rede em dois sentidos: “Como produtores de conteúdo capaz de convidar outros à mobilização social e como receptores ativos que transpõem para a realidade sua empatia perante situações de necessidade social”.<sup>61</sup>

No entanto, mesmo a distinção entre essas duas formas de ação pode ser insuficiente para captar a complexidade das relações entre ativismo on-line e off-line. Entre os militantes da UJS que responderam aos questionários, ficam claras as conexões e transições entre formas de ativismo “dentro” e “fora” da rede. Questionados sobre como definiriam sua militância no que respeita às relações entre on-line e off-line, 48,9% responderam que já frequentavam mobilizações off-line antes de começar a se manifestar on-line. Essa alta proporção provavelmente se deve ao fato de o universo da pesquisa ser composto de ativistas de uma organização construída com base em modelos centralizados de participação presencial. Outros 51,1% declararam ter se engajado primeiro on-line, e só posteriormente passaram a frequentar mobilizações presenciais. Destes, 29,9% afirmaram que, antes mesmo de tomar parte em qualquer manifestação presencial, já se sentiam propensos a somar-se a movimentações off-line, e se sentiram encorajados a isso pela presença anterior nas redes.<sup>62</sup>

59 Um *cluster* pode ser definido como “aglomerado de nós [perfis de rede] com maior densidade de conexões”. RECUERO, R. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 135. Em outras palavras, no interior de um *cluster*, os nós estão mais conectados entre si. Na internet, *clusters* definem a existência de comunidades virtuais.

60 MOROZOV, E. *The net delusion: the dark side of internet freedom*. New York: Public Affairs, 2011.

61 GARCÍA-GALERA, M.-C.; DEL-HOYO-HURTADO, M.; FERNÁNDEZ-MUÑOZ, C. “Jóvenes comprometidos en la red: el papel de las redes sociales en la participación social activa”. *Comunicar*, Huelva, v. 22, n. 43, p. 39, 2014 (tradução nossa).

62 SOUSA, M.-J. F. *O reposicionamento das organizações juvenis de esquerda em ambiências virtuais no período pós-2013: o caso da União da Juventude Socialista (UJS)*. Relatório final (Programa de Bolsas de Iniciação

**Gráfico 10** Militância on-line e off-line

No que diz respeito à relação on-line/off-line, como você definiria sua militância?

137 respostas



**Fonte** Elaboração própria a partir do *Google Forms*

Os questionários também revelaram um notável gradiente de formas de participação e de expressão de opinião nas redes. Ao serem indagados sobre qual a forma mais comum pela qual manifestavam suas ideias políticas, 16 jovens (11,59%) declararam que se limitavam a reproduzir *hashtags*, no máximo acrescentando pequenas frases, imagens ou vídeos de apoio; 10 deles (7,25%) apenas reproduziam matérias da imprensa e dos meios de comunicação tradicionais; outros 36 (26,06%) reproduziam matérias dos meios de comunicação tradicionais acrescentando comentários próprios; 6 respondentes (4,35%) usavam suas redes para compartilhar matérias de outras fontes que não imprensa e meios tradicionais; 26 militantes (18,8%) também compartilhavam matérias de fontes alternativas, porém acrescentando comentários próprios; por fim, 44 dos jovens (31,88%) produziam textos, acompanhados ou não de imagens ou de vídeos de apoio, expressando opiniões próprias.<sup>63</sup> Este último percentual provavelmente é mais alto do que seria na média da população, mesmo a estritamente juvenil, por estarmos diante de uma amostra que reúne pessoas com histórico de participação organizada.

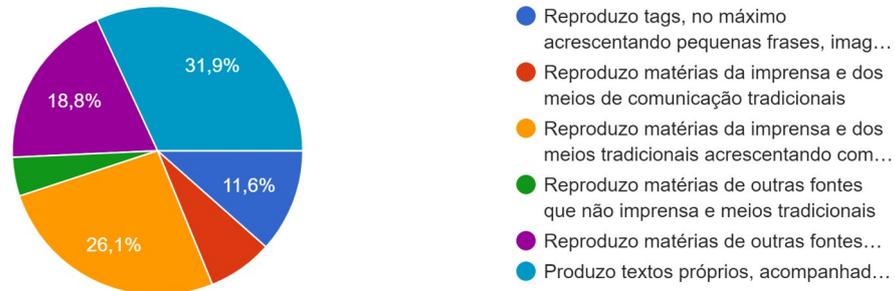
Científica) — Departamento de Comunicação Social, Centro de Ciências Sociais, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2020.

63 SOUSA, M.-J. F. *O reposicionamento das organizações juvenis de esquerda em ambiências virtuais no período pós-2013: o caso da União da Juventude Socialista (UJS)*. Relatório final (Programa de Bolsas de Iniciação Científica) — Departamento de Comunicação Social, Centro de Ciências Sociais, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2020.

**Gráfico II** Formas de participação e expressão de posicionamentos nas redes

Qual a forma mais comum pela qual você manifesta suas ideias políticas?

138 respostas



**Fonte** Elaboração própria a partir do *Google Forms*

Esses resultados atestam algo mais do que a existência de variadas formas de participação e distintas trajetórias no que respeita à relação entre on-line e off-line. Eles sugerem que, a fim de evitar abordagens reducionistas, pautadas na dicotomia ativismo *vs.* passividade, é mais profícuo falar em níveis variados de compromisso cívico-político. É razoável postular que os 31,9% que expressavam suas opiniões produzindo textos próprios apresentam um maior nível de comprometimento, sendo provável que desempenhem o papel de líderes. Por outro lado, aqueles que se limitam a reproduzir *tags* ou conteúdos de outras fontes parecem compor uma “franja” de militância, mais aberta à influência de lideranças e organizações.

No entanto, todos esses jovens são politicamente ativos, de formas mais ou menos intensas. Valenzuela, Arriagada e Scherman lembram que, conforme diversos estudos, a exposição a conteúdos on-line tem sido relacionada não à passividade, mas à inquietação participativa.<sup>64</sup> Referindo-se a usuários do Facebook, esses autores observam que “são mais propensos a participar de protestos porque se engajam em atividades essenciais para a ação coletiva, como absorver informações, trocar e formar opiniões sobre questões sociais e construir uma identidade comum”.<sup>65</sup>

Essa realidade já era patente no Junho brasileiro, em cujo âmbito, aliás, o Facebook teve papel decisivo. Ali, em meio à mistura de *hashtags* e cartazes pintados à mão, revelavam-se mudanças nas relações entre ativismo presencial e digital. Em período

64 VALENZUELA, S.; ARRIAGADA, A.; SCHERMAN, A. “The social media basis of youth protest behavior: the case of Chile”. *Journal of Communication*, v. 62, n. 2, p. 299-314, abril, 2012.

65 VALENZUELA, S.; ARRIAGADA, A.; SCHERMAN, A. “The social media basis of youth protest behavior: the case of Chile”. *Journal of Communication*, v. 62, n. 2, p. 303, abril, 2012 (tradução nossa).

DE AZEVEDO ; SOUSA • “Movimentos juvenis, ativismo digital e novas morfologias associativas” imediatamente posterior, autores como Cabalín-Quijada<sup>66</sup> e Valenzuela<sup>67</sup> já postulavam o crescimento da complementaridade entre ações on-line e off-line. Processos de mobilização passavam a incorporar ambas as estratégias. Hoje, elas se misturam e superpõem. Ocupações e passeatas são acompanhadas de “tuitaços” e outras formas não lineares de indexação, seleção de conteúdos e construção de narrativas na web.

É certo que persistem muitas dificuldades no campo da participação cívico-política, sobretudo na mobilização e engajamento dos jovens em causas que reflitam seus interesses. A crescente importância das ambiências on-line reitera o problema da propriedade das plataformas, como também a urgente necessidade da regulação pública de seus funcionamentos algorítmicos, de forma a impedir que o poder econômico se valha dos avanços tecnológicos para bloquear ou subverter os legítimos interesses da juventude.

Além disso, é preciso estar atento aos riscos do conformismo de que fala Morozov.<sup>68</sup> Essa tendência não começa com a internet: já nos tempos áureos da televisão, podia ser conferida na imagem - que se tornou lugar-comum - de pessoas afundadas em seus sofás, isoladas diante da tela, alheias à convivência pública. As mídias sociais não necessariamente revertem, mas podem mesmo acentuar essa tendência. Também nesse terreno as redes trouxeram dilemas e desafios. Como afirma a presidente da UJS-Joinville,

Nós, como jovens, temos necessidade de estar com as pessoas, do calor humano, realmente. Para participar de uma [organização de] juventude você tem que sentir uma proximidade e sentir que você faz parte dela, e às vezes o virtual não faz com que a gente tenha essa sensação.<sup>69</sup>

A percepção da militante repõe a relevância das geografias físicas e do contato presencial para a formação de identidades e a confiança mútua, elementos que, como adverte Gerbaudo, dependem de laços sociais mais densos, formados no conjunto da vida comunitária.<sup>70</sup> Sem esses fatores, os movimentos populares podem não dispor da

66 CABALÍN-QUIJADA, C. “Estudiantes conectados y movilizados: el uso de Facebook en las protestas estudiantiles en Chile”. *Comunicar*, Huelva, v. XXII, n. 43, p. 25-33, 2014.

67 VALENZUELA, S. “Unpacking the use of social media for protest behavior: the roles of information, opinion expression, and activism”. *American Behavioral Scientist*, v. 57, n. 7, p. 920-942, 6 de março, 2013.

68 MOROZOV, E. “The brave new world of slacktivism”. *Foreign Policy*, Washington, DC, 19 de maio, 2009. Disponível em: <<https://foreignpolicy.com/2009/05/19/the-brave-new-world-of-slacktivism>>. Acesso em: 19 maio 2023. MOROZOV, E. *The net delusion: the dark side of internet freedom*. New York: Public Affairs, 2011.

69 PEREIRA, L. *Respostas a questões sobre o ciberativismo da UJS*. Destinatário: Maria Júlia Sousa. [S. L.], 5 out. 2020. 6 mensagens eletrônicas.

70 GERBAUDO, P. *Redes e ruas: mídias sociais e ativismo contemporâneo*. São Paulo: Funilaria, 2021.

força necessária para alcançar seus objetivos. A falta de identidades profundas enfraquece e fragmenta a mobilização, restringindo-a a momentos de frenesi impotentes em proporcionar mudanças significativas. Não à toa, como é possível perceber nas narrativas de Castells<sup>71</sup> e Gerbaudo<sup>72</sup> no ciclo de protestos 2011-2013, a comunicação nas ruas, através de assembleias, marchas alimentadoras etc., foi muitas vezes o que permitiu que os movimentos ganhassem maior amplitude e se tornassem genuinamente populares.

### Conclusões

O estudo sobre a UJS teve o objetivo de compreender como a maior e mais antiga juventude política de esquerda do Brasil adaptou-se às mudanças que teve de enfrentar, sobretudo no cenário desafiador surgido no período pós-manifestações de 2013. Nosso enfoque foi sobretudo nas formas de ativismo digital promovidas pela organização. Buscamos entender de que maneira as ações on-line foram ganhando espaço na vida militante, combinando-se ao longo do tempo com os tradicionais repertórios off-line para conformar métodos híbridos de organização e mobilização.

Ao longo do estudo, foi possível notar o crescimento da UJS nos ambientes digitais. Isso se verifica pela ampliação do número de conexões e pelo aumento qualitativo da centralidade das redes.<sup>73</sup> Os perfis do movimento têm bom nível de engajamento (comentários, curtidas e *reposts*).<sup>74</sup> Os selos de verificação e o sucesso dos cursos de formação política da Escola Castro Alves também dão provas desse crescimento.

A par desses êxitos, contudo, o monitoramento das redes também revelou sinais de recuos no período recente. Em particular, conforme exposto no item 4, a queda no número de interações no Instagram - rede mais utilizada pela militância da entidade - entre os anos de 2020 e 2024. Essa queda pode ser atribuída a algumas hipóteses: mudanças nos algoritmos das plataformas; perda de dinamismo da organização em

71 CASTELLS, M. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

72 GERBAUDO, P. *Redes e ruas: mídias sociais e ativismo contemporâneo*. São Paulo: Funilaria, 2021.

73 Sobre a noção de centralidade de um nó, explica Martino: “Em termos de *quantidade*, um nó é geralmente mais importante quanto mais conexões ele tem. No cotidiano, geralmente são aquelas ‘pessoas que conhecem todo mundo’ e podem ajudar a chegar a qualquer um. [...] No que diz respeito à *qualidade*, a ideia de centralidade se refere às pessoas que *recebem* as conexões de nós ou atores.” Cf. MARTINO, L.-M. S. *Métodos de pesquisa em Comunicação: projetos, ideias, práticas*. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 175-176. Em outras palavras, quanto mais seguidores tem um perfil, maior a sua centralidade do ponto de vista qualitativo.

74 Como vimos anteriormente, embora se tenha verificado uma queda no número de interações no Instagram entre 2020 e 2024, a conta da UJS nessa rede ainda possui bom nível de engajamento.

DE AZEVEDO ; SOUSA • “Movimentos juvenis, ativismo digital e novas morfologias associativas”  
ambiências virtuais; e entrada em jogo de outros atores<sup>75</sup> do mesmo campo, o que teria ampliado a disputa pela atenção da juventude progressista e de esquerda.

É inegável, contudo, que na última década a UJS conseguiu se reinventar, tornando-se referência em ativismo digital juvenil. Isso pode ser atribuído, entre outros fatores, ao fato de se tratar de uma organização política com flexibilidade para operar mudanças. As transformações tecnológicas e políticas dos últimos anos exigiram disposição para se moldar ao novo cenário. Uma flexibilidade raramente vista em outros movimentos populares de grande tradição, como o sindical e o comunitário.

Ligado a esse fator, outro ponto importante é o enraizamento entre os jovens. Como ressaltou a diretora de comunicação da entidade, “a UJS é uma organização de jovens, então, onde a juventude está, a UJS está também”.<sup>76</sup> Esse fator torna a organização capaz de absorver as práticas mais significativas que se consagram no segmento juvenil.

A análise de caso da União da Juventude Socialista realizada na pesquisa que originou este artigo contribui para uma percepção mais apurada sobre os impactos do ciberativismo, especialmente entre grupos juvenis, para a configuração das lutas sociais na contemporaneidade.

75 Atores tanto individuais (Sabrina Fernandes, Jones Manoel, Gustavo Gaiofato e outros) quanto coletivos (outras juventudes políticas de esquerda), em sua maioria surgidos já na ambiência pós-2013.

76 REBELLO, D. *Respostas a questões sobre o ciberativismo da UJS*. Destinatário: Maria Júlia Sousa. [S. l.], 27 set. 2020. 7 mensagens eletrônicas.